

## FRERÍDIO: UM COMPOSITOR DO TIPO VOCAL

Renata da Silva Gonçalves<sup>1</sup>;  
Cristine Bello Guse<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 –goncalvessre@gmail.com 1

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - tinebelgus@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada na disciplina *História e Literatura do Instrumento* (05000578/T51) ofertada no calendário alternativo do primeiro semestre de 2020, no curso de Bacharelado em Canto, da área Artes (sub-área – Canto), da Universidade Federal de Pelotas. Este trabalho tem como objetivo apresentar brevemente a trajetória musical do compositor gaúcho Frederico Richter e as características de suas canções. Richter, também chamado de “O Frerídio”, codinome que adotou após uma temporada na Europa para salientar sua brasilidade, nasceu em 6 de fevereiro de 1932, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Oriundo de uma família de imigrantes austríacos, teve contato com a música desde muito cedo, uma vez que em sua família a música esteve sempre presente.

É recorrente que os compositores brasileiros eruditos modernos e pós-modernos, tenham em seu acervo um número expressivos de canções de câmara. Entretanto, temos ainda vivo e no nosso estado, possivelmente um dos maiores cancioneiros que o Brasil já teve e que ainda não obteve o reconhecimento do público em geral. Segundo estudos realizados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Frerídio deve possuir um acervo de canções para voz e piano de quase 500 obras, muitas inéditas ou não publicadas em seu site pessoal. É importante ressaltar que com 88 anos, esse compositor, que atualmente reside em Porto Alegre, parou de compor apenas na metade de 2016, quando já havia passado por um acidente vascular cerebral.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é revisão da literatura, em que se buscou um material que constasse informações relevantes sobre este compositor. BATISTA (2010) traz uma análise entre texto e música de diversas canções de Richter, apresentando uma entrevista com o mesmo e sua esposa. PERES e ALVES (2018) falam sobre questões interpretativas a respeito de uma de suas canções seriais; e PERES e PÁDUA (2019) trazem a catalogação das canções para canto e piano do compositor. Em RICHTER (2000), encontramos informações autobiográficas relevantes; e FRITSCH (2014) complementa sobre o pioneirismo de Richter na música eletroacústica do Brasil.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Frederico Richter graduou-se em violino pela Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1951 e começou a atuar como primeiro violino da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), na qual permaneceu por vinte anos. Tinha também um duo com seu irmão gêmeo Nicolau Richter e revezava com o mesmo o cargo de *spalla* da Orquestra. O compositor

considera seu tempo na OSPA essencial para sua carreira musical, pois esse período lhe proporcionou uma rica vivência, tal como a interpretação de grande parte do repertório sinfônico e operístico. Foi atuando com a OSPA que teve a oportunidade de tocar sob a regência de Heitor Villa-Lobos (BATISTA, 2010).

Defendeu sua tese de doutorado na UFRGS em 1962, intitulada *Estudos específicos para a música atual: proposição objetiva no sentido de, ao lado dos estudos tradicionais para o violino, se adotem estudos específicos que permitam ao educando entrosar-se das novas tendências musicais moderna*. Esta tese lhe deu o título de livre docente, tendo em vista que nessa época não haviam cursos de pós-graduação em música no Brasil. Em 1966, criou a Orquestra da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), da qual foi diretor até 1998 e que, em 1989, passou a ser a Orquestra Sinfônica de Santa Maria (BATISTA, 2010).

Na década de 1970, mudou-se definitivamente para a cidade de Santa Maria para assumir a coordenação do curso superior de música da UFSM. Nessa época, dedicou mais tempo à composição, “às pesquisas de novas soluções composicionais e aos estudos teóricos de intervalos musicais, que incluíram incursões nas técnicas seriais” (PERES; PÁDUA, 2019, p. 3).

De 1979 a 1981, cursou pós-doutorado na McGill University, no Canadá, quando foi orientado por Alcides Lanza (1932-) e teve oportunidade de estudar composição musical e música eletroacústica, com a qual ainda não tinha tido contato. Viveu dois anos no Canadá onde chegou a lecionar. Segundo o compositor, foi nos estúdios da McGill que ele desenvolveu a maioria de sua obra eletrônica, cerca de 45 peças (BATISTA, 2010; RICHTER, 2000).

Quando retornou do Canadá, em 1981, Richter tinha a intenção de montar um estúdio para que ele pudesse seguir trabalhando com os sintetizadores. No entanto, a UFSM não tinha condições de montar um estúdio dessa magnitude, primeiro pela falta de recursos e segundo por não haver interesse representativo dos alunos. Para se ter uma ideia do quão inovador eram estes projetos de Frerídio, observemos que o estúdio de música eletrônica da UFRGS, montado por iniciativa do compositor Eloi Fritsch, ocorreu quase 20 anos depois, em 1999. Por isso, Frederico Richter é apontado pelo próprio Fritsch como o “Pioneiro da Música Eletrônica no Rio Grande do Sul” (FRITSCH, 2007).

Frederico Richter possui quase mil obras escritas para diversas formações instrumentais, sendo quase a metade para canto e piano. O próprio se considera um compositor do tipo vocal. Segundo as palavras do mesmo: “eu sou um compositor do tipo vocal e essa é minha principal tendência, apesar de ter escrito obras como sinfonias, instrumentais e orquestra” (RICHTER, 1993, *apud* PERES; ALVES, 2018, p. 194). Nesse mesmo artigo, o compositor divide sua obra em 4 fases composicionais, mas segundo BATISTA (2010), com a anuência do compositor, se pode afirmar a existência de uma 5ª fase. Seriam elas: Fase Tonal-Atonal (1945-1965), Fase Serial/Atonal (1966-1979), Fase de Música Eletrônica e Concreta (1979 -1989), Fase de Estudos de Música Fractal (1989 - 1993) e Fase de Música Tonal Livre/Pós-Moderna (1993 a 2016). Dessas 5 fases apenas na 1ª, 2ª e 5ª constam canções artísticas.

Na primeira fase, o compositor tinha como maior preocupação, conhecer e se adaptar com as formas musicais tradicionais. Já na segunda fase, o compositor seguiu duas tendências: o serialismo e o atonalismo, como consequência na busca por mais liberdade. Esta fase também marca um caráter nacionalista nas suas composições, grandemente influenciado pela poesia brasileira. Os poetas mais importantes musicados nessa fase são Manuel Bandeira (1886-1968), Armindo Trevisan (1933), Cecília Meireles (1901-1964), e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Por fim, na 5ª e última fase

composicional, o compositor intensificou sua produção de obras para canto e piano. Elas apresentam, no geral, um centro tonal, mas nem sempre possuem uma tonalidade definida, ponto que diferencia essa fase da primeira. Dentro da lógica composicional de Richter, o conceito de KRAMER (2002 *apud* PERES; ALVES, 2018) seria o que melhor se encaixa quando enumera algumas características sobre a música pós-moderna:

Não é simplesmente um repúdio ao modernismo ou simplesmente sua continuação, mas tem aspecto de ambos. Desafia barreiras entre estilos "altos" e "baixos". Mostra desdém pelo valor, muitas vezes inquestionável, da unidade estrutural. Questiona a exclusividade mútua de valores elitistas e populistas. Evita formas totalizantes (por exemplo, não quer peças inteiras serem tonais ou seriadas ou moldadas em um molde formal prescrito). Inclui citações ou referências a música de muitas tradições e culturas. Considera a tecnologia não só como uma forma de preservar e transmitir música, mas também tão profundamente envolvida na produção e na essência da música. Abraça contradições. (KRAMER, 2002 *apud* PERES; ALVES, 2018, p. 198).

Dessa forma, a última fase composicional de Frederico Richter é marcada pelo retorno ao tonalismo, mas sem perder a liberdade composicional, já que é possível encontrar momentos de ruptura com os modelos tradicionais, nos quais estão presentes o atonalismo e o tonalismo praticados de maneira livre.

Para Richter o texto é o primeiro elemento a ser considerado em suas canções e é enfático ao afirmar que seu gosto pela música vocal vem da poesia. Segundo o compositor, ele vê na poesia melodias e ritmos intrínsecos, chegando a fazer anotações musicais ao lado de cada verso que lê (BATISTA, 2010; PERES; LENINE, 2018).

Mário de Andrade, em seu ensaio *Os Compositores e a língua nacional* (1938 *apud* BATISTA, 2010), afirma que o ritmo seria o ponto de convergência entre canto e poesia e esse pensamento vai nortear Frerídio ao tentar resolver os problemas oriundos da prosódia. Segundo BATISTA (2010, p. 36) é importante mencionar que:

Richter vê em Mário de Andrade uma personalidade de grande influência, tanto na questão da valorização de elementos que podem ser identificados como brasileiros quanto na preocupação em buscar uma pronúncia e colocação mais adequada ao canto nacional.

Entretanto, para Mário de Andrade, partindo do princípio de que a voz humana está envolvida tanto com a poesia quanto com o canto, existem destinos diferentes para cada um deles e que trazem à tona um novo conflito entre voz falada e voz cantada, que para Andrade seria insolúvel. Contudo, observando as canções de Richter, percebe-se que o compositor tenta desfazer este conflito, buscando no âmago da poesia o seu acento rítmico e melódico e tentando aproximar poesia do canto.

Assim, ao analisar as canções de Frederico Richter duas características pontuais tornam-se uma constante em grande parte delas. São elas: a presença marcante de notas repetidas, já que o texto tem suma importância para o compositor e manter a mesma nota na linha vocal acaba por ajudar a respeitar a pontuação original do poema; e a maneira pouco usual que Richter dispõe o texto prosodicamente, unindo as vogais de acordo com as sílabas poéticas.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente trabalho apresenta sua importância não apenas no meio acadêmico, mas também social. Primeiramente pelo compositor que Frederico Richter foi e pelo pouco material acadêmico que possuímos sobre ele. Assim, o trabalho vem para ajudar a preencher uma lacuna dentro dos estudos sobre compositores contemporâneos e gaúchos. Outro fato que valoriza a pesquisa em questão é o de o compositor ainda estar vivo e, apesar da idade e alguns problemas de saúde, pode ser uma grande fonte de informações sobre sua própria obra; como já aconteceu, por intermédio de entrevistas, em duas dissertações de mestrado e uma monografia. Por fim, o trabalho tem seu mérito por elevar a pesquisa sobre a canção de câmara no Brasil e a forma como este compositor transforma as poesias em música sem perder o caráter do poema, mantendo a prosódia e a coerência ente texto-música.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, C. **A Relação entre texto e música nas canções de Frederico Richter**. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: UFSC, 2010. FRITSCH, Eloy. Coluna de Eloy Fritsch no site Porto Web, 2007. Disponível em: [http://www1.prefpoa.com.br/pwtambor/default\\_2nivel.php?p\\_secao=155&reg=15&pg>](http://www1.prefpoa.com.br/pwtambor/default_2nivel.php?p_secao=155&reg=15&pg=Acesso em agosto de 2020)Acesso em agosto de 2020

FRITSCH, E. **Blog Música Eletrônica UFRGS**. 2014 Disponível em: <https://musicaeletronicaufrgs.wordpress.com/2014/11/13/difusao-sonora-de-obras-musicais-eletoacusticas-do-compositor-e-maestro-frederico-richter/>> Acesso em agosto de 2020

PERES, C. ALVES, L. O anel de vidro de Frederico Richter com texto de Manuel Bandeira: um olhar interpretativo sobre uma canção serial/dodecafônica. **Anais do V Seminário da Canção Brasileira da Escola de Música da UFMG**, 2018. Disponível em: <http://www.musica.ufmg.br/selominasdesom/wp-content/uploads/2018/10/V-Semin%C3%A1rio-da-Can%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-da-Escola-de-M%C3%BAsica-da-UFMG.pdf>> Acessado em agosto de 2020

PERES, C. PÁDUA, M. O processo de catalogação das canções para canto e piano de Frederico Richter. **XXIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música** – Pelotas – 2019. Disponível em: <https://anppom.com.br/congressos/index.php/29anppom/29CongrAnppom/paper/view/5890/2221>> Acessado em agosto de 2020

RICHTER, Frederico. Minha obra, vivências e influências. **Palestra na Academia Brasileira de Música**. 2000. Disponível em: [http://abmusica.org.br/\\_old/downloads/2000\\_FRichter.pdf](http://abmusica.org.br/_old/downloads/2000_FRichter.pdf)> Acessado em agosto de 2020